

DA SEGMENTAÇÃO DAS FORMAS X-LOGO & X- GRAFO EM PORTUGUÊS: NOVA PROPOSTA DE ANÁLISE

George de Azevedo MADEIRO (UFRJ/FAPERJ)

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/Vernáculas)

0. INTRODUÇÃO

Inserido no projeto “Agentivos denominais em português: produtividade e produção”, conduzido pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves, o presente trabalho propõe uma nova análise para a segmentação das formas **X-logo** e **X-grafo** em português e parte da análise de Amorim (2001) em relação aos constituintes **-logo** e **-grafo**. Na proposta de Amorim (2001), constatou-se a existência de uma regra geral de formação de agentivos denominais em **-logo** e **-grafo**, o que comprovou que os formativos em questão não mais poderiam ser considerados Elementos de Composição, idéia defendida por nossas gramáticas (cf., p. ex., Bechara, 1999), mas realmente sufixos, posto que a Sufixação é um processo regular e forma séries de palavras com produtos previsíveis. Daí postulou-se a seguinte regra (cf. 01), que se aplica aos exemplos que abaixo seguem (cf. 02):

(01)

$[X]S \rightarrow [[X]S + \text{logo}]S$ Agente
--

(02)

biólogo	fotógrafo
cardiólogo	cenógrafo
cristólogo	geógrafo
ecólogo	calígrafo
fonoaudiólogo	histógrafo
numerólogo	ideógrafo

Outros questionamentos surgiram quanto aos agentivos originados a partir de tal regra de formação. Com base em dados rastreados a partir de fontes orais e escritas, constatamos haver sistematicidade com relação à presença de uma vogal aberta anterior – [ó] – precedendo **-logo** e **-grafo**. Assim, quais seriam os verdadeiros sufixos **-logo** e **-grafo** ou **-ólogo** e **-ógrafo**? Tratarei dessa questão, analisando os agentivos através do quadro temporal proposto por Amorim e Madeiro (2001). Nesse trabalho, os formativos foram analisados do século XVI ao século XX, tomando-se por base a informação obtida em dicionários etimológicos e em gramáticas históricas.

1. COMPOSIÇÃO OU SUFIXAÇÃO?

Retomando as idéias apresentadas em trabalhos anteriores (cf. Amorim, 2001; Amorim & madeiro, 2001), a principal evidência de que o processo que forma palavras terminadas em **-logo** e **-grafo** não é a Composição está no fato de esses elementos não existirem como palavras em português (não são mais radicais, assim como eram no grego), apesar de os manuais de gramática defenderem que as formas **X-logo** e **X-grafo** constituem os chamados compostos eruditos. No grego clássico, **λογος** e **γραφος** eram formas livres na língua, funcionando como palavras, o que justifica a classificação da formação daquelas palavras como Composição, uma vez que se tratava da junção de dois elementos que figuravam como palavras no próprio grego.

Segundo Mattoso Camara Jr. (1970: 45), *a composição é um conceito sincrônico, de gramática descritiva, independentemente da dedução dos elementos lexicais que historicamente figuram nas palavras, feita na análise etimológica.* Portanto, para que uma palavra seja considerada composta, a análise de seus constituintes não deve passar pela etimologia, pois esses elementos devem ter significado identificável dentro da própria língua. Se **-logo** e **-grafo** não são (e nunca foram) palavras no português – só funcionando ligados a outras bases – e se tais elementos possuem agora teor mais generalizado e de grande produtividade, não cabe considerá-los elementos de composição.

A tradição gramatical apresenta uma visão diacrônica da Composição Morfológica, visto que não leva em consideração a compreensão que o falante tem de um determinado elemento como forma livre ou presa. Para que uma formação seja considerada composta, seus constituintes devem funcionar livremente na língua, figurando como palavras e sendo reconhecidos como tais pelo falante e não apenas existirem associados a outro elemento (o que é o caso dos afixos).

2. AS FASES HISTÓRICAS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Segundo Martinet (1970), um elemento passa a ser afixal quando começa a ser utilizado somente como parte de um novo vocábulo, *no caso dos compostos eruditos, cujas partes não funcionam isoladamente, houve, originalmente, empréstimos de seus elementos a uma língua clássica.* É justamente por essa razão que as formações **X-logo** e **X-grafo** passaram, diacronicamente, da Composição para a Sufixação.

Os momentos históricos para a análise das formações em questão foram delimitados conforme o quadro abaixo:

(03)

- 1º MOMENTO: Século XVI – **Renascimento**
(importação integral de vocábulos – compostos gregos)
FORMAÇÃO: RADICAL GREGO + RADICAL GREGO
- 2º MOMENTO: Século XIX – **Revoluções**
(criação de palavras no próprio português com a utilização de radicais eruditos – compostos eruditos no português)
FORMAÇÃO: BASE PRESA + -logo ou -grafo
- 3º MOMENTO: Século XX – **Modernidade**
(expansão da regra de formação de palavras – sufixação)
FORMAÇÃO: BASE PRESA ou LIVRE + -logo ou -grafo (PALAVRA ou TEMA)

No primeiro momento, na verdade, não há criação de palavras, o que houve foram importações de palavras efetivamente gregas de tal período, devidamente transcritas para o alfabeto latino, como ocorre com **epílogo** e **parágrafo**, por exemplo.

Já no segundo momento, criam-se palavras voltadas para os campos tecnológico e científico que se expandiam no século XIX. Vale ressaltar que essas formações são um tipo de criação deliberada, elaborada, arquitetada pelo falante, uma espécie de “manufatura lingüística”, pois reflete-se sobre a etimologia, buscando um elemento mais apropriado para a criação de um novo termo. Ao optar pelo elemento erudito, o falante está ciente da origem e do significado do mesmo. Como exemplos de formações dessa fase, temos **biólogo** e **geógrafo**.

No terceiro e atual momento, temos a expansão desse uso para uma regra e o conseqüente aumento da produtividade, resultando na utilização espontânea dos elementos **-logo** e **-grafo**. As novas formações são feitas a partir de uma associação às formas pré-existentes na língua, sem a necessidade do conhecimento etimológico. Além disso, devido ao seu teor de produtividade, esses elementos podem, agora, ligar-se também a palavras ou temas, e não somente a

bases presas. A ampliação dessa regra vem permitindo a formação de inúmeros vocábulos, de criação mais espontânea que elaborada, como os agentes habituais terminados em **-logo** que serão exemplificados posteriormente.

3. OS DADOS ATAVÉS DA HISTÓRIA

Comparando os dados em (04) e (05), pode-se constatar que as palavras em (04) são todas formadas por bases presas que terminam em **-o** e é sistemática a abertura vocálica de /ô/ para /ó/ em todo o *corpus*. Tais palavras encontram-se dicionarizadas e foram formadas no segundo momento do quadro – momento das revoluções – no qual a demanda por palavras formadas no próprio português por radicais eruditos era cada vez mais crescente devido às Revoluções Industrial e Francesa, que exigiam do homem novas formas. Tal exigência relaciona-se à necessidade de nomeação de novas atividades profissionais e de instrumentos referentes à prática científica. Temos, portanto, nessa fase, o predomínio de bases presas que se uniam aos elementos **-logo** e **-grafo** para a formação de novas palavras provenientes do latim e do grego – as línguas clássicas por excelência.

A agregação dos elementos a outros foi se tornando cada vez mais freqüente e sistemática com o passar do tempo e cresceu ainda mais a variedade de bases que se prestavam à anexação de tais formativos (bases livres terminadas por consoantes, por exemplo). Isso é constatado no grupo (05), em que bases livres são utilizadas no processo envolvendo os elementos em questão. A mesma sistematicidade quanto a abertura vocálica precedendo **-logo** e **-grafo** é recorrente na formação dessas palavras, o que nos leva a crer que devido à regularidade sistemática do acréscimo de /ó/ aos sufixos em questão, os verdadeiros sufixos são **-ólogo** e **-ógrafo** e não **-logo** e **-grafo**, como se acreditava no início da pesquisa.

(04)

aerógrafo
biólogo
cenógrafo
criminólogo
demógrafo
fonólogo
geógrafo
hidrólogo

(05)

bacteriólogo
brasílografo
craniólogo
cartógrafo
gramaticólogo
metalógrafo
mitólogo
toxicólogo

Os dados apresentados em (06) foram coletados de fontes mais recentes, como o corpus DG e jornais de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro (O Globo, JB e O Dia) e, portanto, não foram “ainda” dicionarizados. Conseqüentemente, constata-se a mesma sistematicidade com relação à presença de /ó/ junto a **-logo** na formação dos agentivos habituais: seres caracterizados pelo hábito de experimentar ou a atuar com relação a idéia contida na palavra base. Vejam-se os exemplos:

(06)
barrigólogo
cervejólogo
funkólogo
bolólogo
biscoitólogo
beijólogo

Dúvidas surgiram quanto ao grupo de palavras em (07), apesar de não constituírem agentivos, posto que a sistematicidade da regra proposta anteriormente não se verifica, ou seja, não há presença de **-ó** nos sufixos aqui analisados. Contudo, tais palavras não foram formadas no português, ou seja, no segundo momento. Foram formadas no grego e integralmente importadas para o nosso idioma. Dessa forma, a regra de acréscimo de /ó/ aos sufixos não se aplica a tais palavras, uma vez que o processo parece posterior ao ingresso de tais formas.

(07)
análogo
catálogo
diálogo
epígrafo
epílogo
parágrafo
polígrafo
telégrafo

Independente de o segmento **-o**, que antecede **-logo** ou **-garfo**, ser considerado ou não parte integrante dos sufixos em questão, Vilalva (2000) ressalta que existe uma diferença entre a estrutura morfemática e a estrutura morfológica das palavras, uma vez que não existe uma correspondência biunívoca entre morfemas e constituintes morfológicos. A autora ainda ressalta que a estrutura morfemática, aquela atribuída à seqüência dos morfes, não determina a estrutura morfológica, voltada para o conteúdo. Assim, aplicando sua teoria aos constituintes **-ólogo** e **-ógrafo**, poderíamos considerar que tais elementos seriam constituintes morfológicos embora contenham dois morfemas (i.e. **+o** + e **+logo** / **+grafo**).

Vilalva (op. cit.), ao teorizar sobre os processos formadores de palavras no português, também ressaltou que tais processos podem selecionar três tipos de variáveis, as quais deu o nome de 'variáveis lexicais'. Dessa forma, as palavras podem ser formadas por radicais, temas ou palavras. Existem palavras em **-ólogo** e **-ógrafo** formadas pelas três categorias. Contudo, constata-se uma maior tendência ao uso de palavras e/ou bases livres nas construções mais recentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematicidade da presença da vogal **-o** junto aos elementos sufixais **-logo** e **-grafo** se verifica através dos tempos como parte integrante de tais elementos, com exceção das palavras formadas no próprio grego. A presença do segmento em questão independe do tipo de base (presa ou livre), o que nos levou a constatar que os verdadeiros sufixos são **-ólogo** e **-ógrafo**. Mesmo considerando as duas estruturas como sendo compostas por dois elementos morfemáticos e um todo morfológico, segmentaríamos a vogal média posterior aberta como parte das formas **-logo** e **-grafo**, tendo em vista a exaustividade e a recorrência desse segmento. Logo, nosso trabalho acena para com a possibilidade de formas **X–logo** e **X–grafo** serem segmentadas com a vogal **-ó** que antecede o que as gramáticas tradicionais insistem em chamar de radicais eruditos

Referências bibliográficas:

- ALVES, I. M. (1987). *Aspectos da composição nominal em português*. **ALFA**, 20 (1): 7-15.
- ARONOFF, M. (1976). **Word formation in English**. Oxford: CUP Press.
- AURÉLIO, B. H. F. (2000). **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BASÍLIO, M. (1987). **Teoria lexical**. São Paulo: Ática.
- BECHARA, E. (1999). **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BYBEE, J. (1985). **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- COROMINAS, J. (1987). **Dicionário crítico etimológico**. Madrid: Editorial Gredos.
- CUNHA, C. F. (1975). **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/FENAME.
- GONÇALVES, C. A. V. (1997). **Agentivos denominais no português**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.
- MATTOSO CAMARA JR., J. (1970). **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes.
- NASCENTES, A. J. (1989). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SANDMANN, A. J. (1989). **Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro**. Curitiba: Scentia & Labor.
- VILALVA, A. (2000). **Estruturas morfológicas do português**. Lisboa: Almedina.